Os Circuitos Curtos de Comercialização são modelos de comercialização em contextos justos e sustentáveis

Rossandra Farias de Andrade[a]

Olá, boa noite a todos e a todas. Eu agradeço a oportunidade de estar aqui vocês trazendo um pouco de como está sendo o nosso projeto, agradecer especialmente em nome dos meus coordenadores, o Ronaldo Ferraz (Coordenador Geral do projeto América Latina e Caribe Sem Fome) e o Camilo Ardila, que é o meu coordenador técnico e colega, e que está na Colômbia.

[Slide 1 – 00:31] Eu fui convidada, e tivemos a honra desse convite, para estar aqui com vocês e trazer um pouco de como que a gente tem conduzido o projeto de cooperação […] Semeando Capacidades, Sembrando Capacidades em espanhol, que é um projeto de cooperação Sul-Sul trilateral, entre o Governo da Colômbia, a FAO e o Governo Brasileiro, através da Agência Brasileira de Cooperação (ABC) que está vinculada ao Ministério das relações Exteriores.

[Slide 2 – 1:19] Eu queria trazer inicialmente como surgiu esse projeto, da onde veio, qual era a proposta. Como alguns de vocês devem ter conhecimento, em 2016 foi assinado um acordo de paz na Colômbia, exatamente por conta do conflito armado

a Especialista em Planejamento e Gestão de Políticas Públicas pela Instituto de Educação Superior Horizonte – IESH. Membro do Projeto Semeando Capacidades – FAO. E-mail: rossandra.fariasdeandrade@fao.org. Lattes: http://lattes.cnpq.br/5301588257141772.

que se tinha na Colômbia, e nesse início se pensou que o primeiro ponto desse acordo seria exatamente a reforma rural integral, trazer os agricultores, os produtores, os campesinos de volta ao campo. Nós sabemos que alguns desses agricultores foram expulsos de suas terras, vieram as plantações de narcóticos, […] e com um acordo de paz a intenção era de trazê-los de volta. Mas como trazê-lo de volta? Foi feito esse acordo de paz e uma coisa que foi bastante relevante foi a participação da sociedade, tivemos a participação das Universidades, dos Institutos de Pesquisa, da organização da sociedade civil, do Governo, para que a gente pudesse trabalhar esse ponto. A partir desse acordo de paz, o próprio […] Ministério de Agricultura e Desenvolvimento da Colômbia aponta Agricultura Familiar, que, no caso da Colômbia, eles têm um conceito mais amplo de que a agricultura familiar é camponesa e comunitária, eles têm uma abrangência maior no momento de nomear, e então se enxergou essa grande necessidade. Além disso se percebeu que 70% da produção da Agricultura Familiar é a que chega até a mesa dos colombianos, então não é tão diferente do Brasil. E somado a isso a questão das próprias famílias que estavam envolvidas nisso. Então foi um acordo muito bem construído com todos com o mesmo objetivo, […] de contribuir para o desenvolvimento da habilidade técnica ou organizacionais e institucionais, não só da Colômbia mas claro que com o que o Brasil também tinha para oferecer. E nesse momento é importante colocar por quê o Brasil e por quê não outro país? Nós [Brasil] temos várias políticas direcionadas à

Agricultura Familiar, é fato. Então a partir das reuniões da REAF, dos intercâmbios que aconteceram, a Colômbia […] enxergou que com a quantidade de políticas que nós temos a gente poderia sim se somar e aprender um pouco com a Colômbia, na verdade aprender muito com a Colômbia, e também ter a oportunidade de levar um pouco do que a gente tem de políticas públicas para a Agricultura Familiar.

[Slide 3 – 4:45] Dado todo esse contexto, esse entendimento de todas as partes envolvidas e interessadas, a gente vê hoje a transformação dos sistemas alimentários […]. Então qual é a realidade que a gente vive? As pressões ambientais, demográficas, sociais e econômicas em distintas intensidades em todas as regiões do mundo, não só o Brasil, não só na Colômbia […]. Então as pressões ambientais cada vez maiores, as questões sociais […] vem tendo essa pressão para enxergar que nós ou entendemos que a gente precisa traçar um caminho diferenciado, ou então vai ser exatamente isso que a gente tá vendo aí acontecer, e a gente olha assim 'não, eu não tenho nada a ver com isso' mas na verdade todos nós temos tudo a ver com isso e também temos responsabilidade com essa transformação. Você vê as ineficiências e extremidades que chegam em determinadas situações, e eu trago essas gravuras aqui para trazer bem a realidade e a fonte, então em alguns espaços a gente continua assim com o desperdício de alimento enquanto que em outros está faltando alimento. Enquanto que em algumas situações temos o sobrepeso e obesidade, em outros estão passando fome,

e infelizmente os dados mostram hoje que o Brasil volta para o mapa da fome, uma coisa muito preocupante, uma coisa que a gente tem que tentar reverter tudo isso e voltar a situação que nós tivemos algum tempo atrás. E quando esses sistemas começam a se desconectar, o que acontece? Vem um resultado disso que é exatamente a questão da economia que fica desequilibrada, a questão dos Direitos Humanos, a insegurança alimentar e nutricional que volta a nos assustar, então fica claro que para que a gente consiga trazer um pouco daquilo que está posto no acordo de paz quando a gente colocou que o primeiro caminho é a reforma agrária, a reforma no campo, então a gente começa entender isso um pouco mais.

[Slide 4 – 7:17] E dois componentes que para gente é essencial […] para essa transformação é a Agricultura Familiar e as parcerias, a Agricultura Familiar por toda sua diversidade de produção, por toda sua questão social, por toda questão ambiental, e a chave e o caminho para transformação é através da Agricultura Familiar. E as parcerias, que eu trago aqui o exemplo do projeto […] que iniciamos em dezembro de 2019, e estamos findando ele com grandes possibilidades de dar continuidade pelo menos em alguns temas, mas são coisas que a gente ainda está construindo e que ainda está conversando, nada ainda a assegurar, até porque eu também não tenho nenhuma governabilidade e isso envolve vários atores, mas enfim. No caso do projeto 'Sembrando Capacidades', nós fizemos inúmeras parcerias, a começar pela cooperação Sul-Sul trilateral, em trazer a FAO e os dois governos

ao mesmo tempo. Mas só com eles não conseguiríamos, só com esses três não conseguiríamos. Então o que a gente fez? Nós buscamos outras parcerias, buscamos envolver Universidades, sociedade civil e Institutos de Pesquisas, como foi o caso da Embrapa que estava com a gente durante todo o projeto, e a parte da Embrapa que os pesquisadores mais ligados a essa linha da Ecologia, mas ligado à questão da Agricultura Familiar no geral. Isso foi muito importante para o projeto e fez com que o projeto avançasse bastante por conta dessas parcerias. Então foram vários espaços em que a gente pode contar todo tempo com esses parceiros.

[Slide 5 – 9:23] Depois de tudo isso nós iríamos começar por onde? A gente traçou quatro eixos de atuação do projeto: a ATER que é a extensão agropecuária; agroecologia que é um carro-chefe do projeto, então tudo foi direcionado para um pensamento na agroecologia; os mercados diferenciados como os Circuitos Curtos, tema para essa conversa; e os sistemas de informação. Traçamos esses quatro eixos para que a gente pudesse fazer, e você percebe no gráfico que um [eixo] sempre está, a todo tempo, ligado com os demais […], sempre interligados.

[Slide 6 – 10:18] Aqui a gente traz um pouco do conceito, que a própria FAO traz o que é esse Mercado Diferenciado, que é a comercialização contínua como sendo um dos principais desafios da Agricultura Familiar. Nós sempre tivemos muitos desafios para que a gente pudesse ingressar no mercado, um

mercado muitas vezes excludente, e que não tem essa relação com o a questão do ambiente, não tem a questão cultural, então assim, entrar no mercado como se tem aí em vários espaços é […] talvez até um suicídio em algumas situações trazer a Agricultura Familiar para esse mercado. Com isso os Circuitos Curtos, com um outro conceito aqui, […] funciona como alternativa que integram os produtores e consumidores, […] reduz a intermediação, evita perdas e desperdícios, e sem contar a questão da proximidade de quem produz para quem consome. Então essa relação é essencial para saber quem está produzindo e o que eu estou consumido, e um pouco disso é conceito aqui para vocês.

[Slide 7 – 11:44] Voltando aos nossos eixos. Então qual era o objetivo da ATER? Melhorar a qualidade dos serviços de extensão agropecuários específico para a agricultura campesina, familiar e comunitária; a Agroecologia, que como eu falei há pouco foi a referência do projeto foi focar exatamente na agroecologia com o objetivo de fortalecer as capacidades das instituições governamentais para a elaboração e implementação da política com enfoque na agroecologia; os Mercados Diferenciados, que eu trago com um destaque aqui, que é exatamente fortalecer a capacidade dessas instituições governamentais para promover o mercado diferenciado; e Sistemas de Informação, que a gente pensou aqui a questão da identificação do agricultor que […], no caso da Colômbia ainda não está muito claro qual o perfil do agricultor familiar como temos aqui no Brasil. Então nós temos aqueles quatro critérios

em que a gente consegue definir o agricultor familiar. Na Colômbia eles ainda estão em construção, a partir também do projeto, e a gente vai ver pouco mais à frente, então vai identificando qual é o perfil do agricultor, o que é ele, aonde ele está, como que é sua produção, como que está a questão da certificação, como está a questão de selo de identificação, como que funciona no Brasil a DAP, por exemplo, que hoje nós estamos na mudança pro CAF, […] mas vou adiantar aqui pouco porque eu vou direcionar mais para a questão dos mercados diferenciados.

[Slide 8 – 13:52] O quê a gente pensou em fazer em cada atividade dessa? Procuramos elaborar um documento com sugestões de implementação de circuitos curtos de comercialização a partir da associatividade, […] nós identificamos experiências exitosas nos circuitos curtos, feiras, negócios inclusivos e associativos no Brasil, e intercâmbio de boas práticas entre os dois países. A gente conseguiu […] identificar várias experiências e […] documentá-las, como também ter a oportunidade de socializar com o público colombiano como que a gente conseguiu identificar essas experiências, que nós felizmente temos muitas aqui no Brasil, […] e conseguimos mapear algumas e identificá-las. Na segunda atividade a gente pensou em aperfeiçoar o modelo de gestão, promoção comercial e viabilidade para os produtos da Agricultura Familiar […]. Identificamos também boas práticas de gestão, e aqui eu vou chamar atenção de três exemplos que nós tivemos aqui no Brasil,

que foi um exemplo de uma cooperativa chamada COOMAFIT, que está no Rio Grande do Sul, uma outra cooperativa que me foge agora o nome […] que é do Rio Grande do Norte, e a experiência da Unicafes, que é a União Nacional das Cooperativas da Agricultura Familiar e Solidária, no Estado do Rio Grande do Norte, eles possuem um grande centro de comercialização através das suas redes de cooperativas também. Na atividade três nós tentamos trazer o mercado diferenciado das compras públicas, que seja PNAE ou PAA, […] e nessa discussão do PAA nós conseguimos trazer as cooperativas que trabalham com a execução do […] Programa, como também o espaço governamental, que seja o FNDE, a Conab, o Ministério da Cidadania ou o MAPA [Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento], nós conseguimos trazer todos esses atores como eu falei no início sobre a questão dessas parcerias. Então a gente conseguiu apresentar vários resultados e também de como funciona o programa, porque hoje, com esse projeto também, a Colômbia enxergou a importância das compras públicas como um canal diferenciado para comercialização. A partir do projeto, eles trabalharam no ano passado uma lei para segurar a compra da Agricultura Familiar para abastecer as escolas, não só as escolas, mas aí trabalhar um pouco mais a questão dos programas institucionais e trabalhar também no abastecimento de hospitais, então assim, a Colômbia não tem ainda isso muito construído, não muito pronto como nós temos aqui no Brasil. Então isso foi

um dos pontos, […] de que a gente ainda precisa de muito mais espaços para construção, para trazer mais experiências, enfim.

[Slide 9 – 17:42] Os mercados [diferenciados] aqui para gente fica muito claro, que os Circuitos Curtos de Comercialização é a questão da maior e a mais próxima interação daqueles que produzem com aqueles que consomem, como eu falei há pouco, […] então isso gera uma relação de confiança, e sugere uma relação de uma segurança para o agricultor de saber o que ele vai produzir, qual é o perfil dos consumidores dele […] isso sem contar a questão da proximidade com a redução do desperdício, de você ter acesso a alimentos frescos, então pra gente é muito claro de que a Agricultura Familiar, para o mercado, é exatamente os circuitos curtos de comercialização, são eles que, na Agricultura Familiar, se enquadra nessa lógica.

[Slide 10 – 19:00] A gente traz aqui um pouco mais de conceito, eu vou adiantar um pouco aqui.

[Slide 11 – 19:17] Com um dos documentos que eu acabei de falar nós conseguimos mapear 12 experiências, sendo 8 na Colômbia e 4 no Brasil. Vou trazer aqui quais foram essas experiências: a Associação de Prosumidores da Colômbia, uma associação de produtores e consumidores que trabalham em torno da agroecologia e da economia solidária, e são 250 famílias, uma experiência muito boa que vou estar apresentando para vocês um pouco mais à frente para que vocês tenham um tempo para leitura e conhecer essas experiências mais de perto. Então o Mercadinho do Comércio Justo Colyflor, que está em Medellín,

eles trabalham no circuito econômico, social e solidário com fornecedores internos são 100 associados e 120 fornecedores, prestadores externos, rede consumidores e mercadinhos físico ou virtual. Nessas experiências é importante destacar, e até pelo próprio tema da nossa conversa, a questão de como acessar hoje, porque o tempo que nós vivemos esses dois últimos anos têm sido bastante desafiador, que é exatamente a questão da situação da pandemia. E como que essas associações e espaços conseguiram se segurar no mercado? É exatamente por conta da condição das plataformas digitais. Muitos deles tiveram que se readequar porque era muito aquela coisa das feiras, e nós tivemos os problemas com as feiras, a gente naquele primeiro momento da pandemia não tinha condição de ficar 'tete-a-tete' com os consumidores, tivemos que nos reinventar. Todas essas instituições aqui, todas essas experiências que foram identificadas, elas começaram a trabalhar com as plataformas digitais, que sejam uma página na Web, o WhatsApp, Instagram, então eles tiveram que se reinventar, tivemos que e atualizar essas páginas muitas vezes com muita dificuldade e sem contar também a dificuldade de acesso à internet. Uma situação é uma instituição que esteja em Medelim, por exemplo, mas a outra é o agricultor que tá lá para dizer o que tem, como tem, a gente sabe da dificuldade da internet na área rural […]. Então tem mais outras experiências aqui que é: a Corporação Terra Livre; a Fundação da Rede Ecológica da Canasta; Associação La Tulpa; então todos esses vocês percebem que eles trabalham muito na mesma linha, de

envolver quem produz, quem consome e os mecanismos para essa comercialização.

[Slide 11 – 22:27] Tem a Cooperativa Multiativa de Mercados Camponeses, que é uma cooperativa que atua com um canal virtual e nas feiras, ligando 73 cooperativas; e a Rede de Mercados Agroecológicos Camponeses do Vale do Cauca, uma união de 12 feiras agroecológicas que agrupam 300 famílias com canais presenciais e feiras. Então você percebe que essas organizações têm perfis muito parecido.

[Slide 12 – 23:03] Aqui também eu já trago, dessas 12 experiencias, 8 na Colômbia e essas 4 aqui no Brasil, […] a Central de Comercialização de Cooperativas da Caatinga, que é uma cooperativa em Juazeiro, na Bahia, essa cooperativa reúne cerca de 9 cooperativas, […] porém existe associações também vinculadas a essa Central. Então é uma experiência muito boa que também tiveram problemas com a questão da pandemia, por exemplo, eles estavam com um grande projeto envolvido como Governo da Bahia para um espaço físico que eles poderiam trabalhar até mesmo a cadeia da caprinocultura, então já estava bastante avançada mas com a pandemia tiveram que se reinventar, e assim, tinha um restaurante que já estava bem avançado para trabalhar, mas enfim. Então a Central da Caatinga também passou por isso porque o principal canal de comercialização era loja física, então as pessoas iam nas loja física ou programas institucionais pela página, pelos canais, pelas redes sociais, eles não tinham isso, e também não tinha, na verdade, a gente

percebe, que para essas instituições foi uma coisa nova ter que se reinventar pela questão da informática, porque não é o normal deles, então tiveram que todo tempo trabalhar página, melhorar imagem, encaixar os preços e como fazer as entregas, mas assim é uma experiência muito boa e que também está nos nossos documentos. Fizemos também aqui com a Central do Cerrado, […] que está aqui muito próxima à Brasília, localizada aqui em Sobradinho, muito próximo Brasília, e também ela reúne cerca de 20 organizações, com aproximadamente 5000 famílias e também, como a Central da Caatinga, teve que se reinventar, de como poderia continuar, porque ele veja bem, no caso da Central do Cerrado tem um destaque que além da Central do Cerrado estar aqui em Brasília, com vários estados próximo a ela, tinha toda uma dinâmica de entregar, eles entregavam para alimentação escolar também, fornecia para o PAA, a logística teve vários problemas, por exemplo, na hora dele compor a sexta, de todas as cooperativas o suco vinha da cooperativa no Rio Grande do Sul, mas nós tínhamos a castanha do baru que está aqui em Minas, vizinho a gente, então com essa logística também foi bastante desafiadora para Central do Cerrado. E um outro ponto em relação à Central do Cerrado, é que hoje a Central do Cerrado, até a mim mesmo enquanto pesquisadora e estudante dos circuitos curtos comercialização, quando eles disseram assim que eles iam ingressar […] no Carrefour […], então eu falava, como assim? Aí eles diziam 'acontece o seguinte Rossandra, nós temos três anos de negociação, a primeira negociação eles disseram assim: vocês

tragam seus produtos, não teremos custos com esses produtos, vocês vão trazer para fazer um teste, imagina, castanha do baru, castanha do pará, farinha de jatobá […] e aí disseram, não, não nos interessa, foram esses três anos de negociação e agora ele chegam no Carrefour, que vai lá na Central do Cerrado, bate à porta e diz 'o que vocês querem' […], como a gente consegue levar esses produtos para ampliar esse mercado. Então agora, hoje, a gente consegue chegar aqui e dizer do Carrefour, e o Carrefour ter uma tenda diferenciada que os produtos da sociobiodiversidade está lá, tem artesanatos que vem do Tocantins, tem o mesocarpo de babaçu, do sabonete de babaçu que vem lá do Maranhão, tem o óleo de babaçu que vem das quebradeiras de coco do Piauí, que pega toda aquela região, então assim se consegue chegar a ter vários produtos. Outro exemplo do Brasil é essa Associação dos Produtores Orgânicos das Famílias de Mossoró, eles promovem uma feira muito grande, bem consolidada, e nesse caso dessa experiência as mulheres estão mais à frente, são somente 40 associados e também tiveram problema, sempre estou reforçando isso porque tivemos que nos reinventar mesmo, e realmente as plataformas digitais eu penso que hoje ela é uma realidade, […] tomara que a gente saia logo dessa pandemia mas é uma realidade, até pra gente ver que para trabalhar ou para estarmos juntos a gente necessariamente a gente não precisa estar na mesma sala. E finalmente as Feiras Agroecológicas aqui dos Sindicatos e Organizações da Agricultura Familiar, que é no polo da Borborema, na região da

Paraíba, e através da [ASPTA] que é uma instituição que vem trabalhando a agroecologia desde sempre, que vem trabalhando circuitos de comercialização desde sempre, e é uma experiência riquíssima, e além de tudo isso eles também atuam como organismo de controle social para certificação orgânica […].

[Slide 13 – 30:01] Eu trago esse aqui para mostrar para vocês que o quê se propôs com o projeto, que o que nós conseguimos fazer com um projeto, não está desvinculado com a Década da Agricultura Familiar. Se a gente pega os 7 pilares, a gente consegue enxergar que projeto conseguiu, desses pilares, trabalhar com quatro, que foi a 'recomendação de instrumento de política pública' quando a gente trouxe a questão da política de ATER, da politica de agroecologia, quando nos trouxemos os nossos planos quando, quando a gente discutiu a questão da DAP, do CAF, então nós conseguimos trazer instrumentos e esses instrumentos fizeram o que a Colômbia começasse a pensar uma forma de colocá-los em prática, lógico que não é copiando, mas a gente teve exemplos e que a gente possa trazer para nossa realidade. Alcançamos também o pilar 4, nós fornecemos para 43 organizações beneficiadas das oficinas, um kit que a gente fez, que não é nada daquela ideia ali 'Ah, eu vou trazer um kit que não tem nada a ver com que a gente tá discutindo'. Não. Essas associações que receberam esse kit são exatamente as que trabalharam com a gente nas oficinas, então a partir dali qual semente que seria, onde que a gente poderia adquirir essa semente, […] nós temos lá nossas reservas de semente, como a

gente vai fazer, então foram essas associações que participaram e que, por uma demanda delas, né. O pilar 6, da agroecologia para sistemas agroalimentares, então trazendo a agroecologia aqui eu queria mostrar para vocês que só setor da agroecologia nós trabalhamos as diretrizes da agroecologia, nós trabalhamos uma agenda conjunta com a Embrapa na linha da Agricultura Familiar e da agroecologia, com dois portfólios que a Embrapa trabalha nessa linha com portfólios, e com a Agrosaf que é no caso o Instituto de Pesquisa da Colônia que tem o mesmo perfil da nossa Embrapa, traçamos também os ligamentos da política de agroecologia quando fizemos vários seminários, inclusive o seminário internacional de agroecologia, nos trouxemos a REAF para essa discussão, esse debate, então fizemos muita coisa. E também eu acho de muita importância que […] conseguimos mapear 120 experiências na Colômbia de transição agroecológica, a gente conseguiu mapear e colocar nos nossos documentos.

[Slide 14 – 33:02] Então aqui gente, só bem rápido aqui olha, para vocês terem uma ideia em relação a material de comunicação, nós produzimos 7 vídeos, 13 *podcasts*, nós produzimos 12 documentos, 5 cartilhas, produzimos mais de 350 mensagens, 2500 sinalizações, tivemos *retweets*, e quantos *likes* aqui.

[Slide 15 – 33:35] Em relação ao fortalecimento das capacidades, porque a gente se propôs a isso, e o que é que a gente conseguiu? Nós conseguimos ter no total de 47 eventos, 22 mil visualizações no YouTube, e vinte desses eventos foram

transmitidos e estão disponíveis no nosso repositório que mais a frente eu vou mostrar para vocês. Então o número de participantes […], nós fechamos isso aqui há cerca de uns 15 ou 20 dias para dar para tá trazendo agora, mais de 7 mil o número de participantes. E um elemento que é importante é a questão da equidade de gênero, se percebe aí que praticamente todas as nossas atividades a quantidade de mulheres foi a mesma da quantidade de homem. Então a gente tinha muito dessa preocupação de estar convidando, de tentar colocar o jovem, colocar a mulher, participando de todos os nossos eventos. Ao lado da gente consegue ver aqui que quando a gente discutiu a ATER, nós discutimos também os cursos de formação, e no caso da Colômbia, eles tem um Instituto chamado SENA, que não sei se eu posso comparar com o SENAR, eu creio que não, mas só para gente entender um pouco, então a gente conseguiu também fazer a capacitação de várias temáticas na linha da agroecologia com os técnicos extensionistas rurais ligados ao SENA.

[Slide 16 – 35:09] Aqui eu queria […] convidá-los a conhecer o nosso repositório porque tudo isso que a gente tá mostrando para vocês, vocês conseguem ver aqui. […]. Os cursos, então quero convidá-los para participar de alguns cursos que a gente está promovendo. Agora nós estamos com dois cursos abertos, um é de sustentabilidade e o outro em relação ao aos circuitos curtos de comercialização […] [exibição de um vídeo descrevendo o curso sobre os circuitos curtos de comercialização]. Então aqui gente, é convidando vocês para

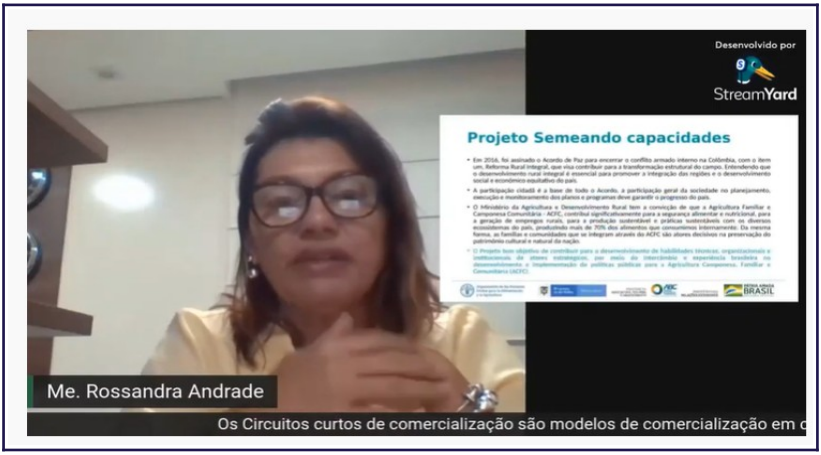
conhecer o nosso repositório, lá tem tudo, […] tem todos os documentos, todos os vídeos, *podcast* e cartilhas, todos estão disponíveis para que vocês possam conhecer um pouco mais o projeto, porque infelizmente com o tempo nós temos não para aprofundar. Mas esses cursos não é curso que muitas vezes a gente pensa que é um curso totalmente desvinculado do que a gente vem fazendo. Então esse curso, em especial, ele vai ser utilizado todos os exemplos que nos trouxemos aqui, então o que o Brasil conseguiu identificar e a Colômbia, e que juntas a gente conseguiu construir, vai estar nesse curso. Então não é um curso sobre o que acontece, sei lá, na Espanha, por exemplo, são coisas que a gente vivenciou e a gente está trazendo aqui.

[Slide 17 – 39:23] Ontem gente, nós findamos, estamos em fase de conclusão desse projeto, foi bem gratificante porque no momento do encerramento tivemos uma profissional maravilhosa que no momento das falas ela conseguia fazer suas gravuras e a gente ficou bem satisfeito, na questão da cooperação, a questão das parcerias, a questão da oportunidade das mulheres trabalharem também, a gente conseguiu estar trazendo isso e a gente terminou com uma grande frase que a *semilla* [semente] foi plantada, agora é o momento da gente continuar a semear e colher os frutos desse projeto. E uma frase emblemática que a gente finda aqui é […] a gente tem que votar, pensar na alimentação saudável, no alimento para que todos tenham acesso a ele, alimento de qualidade, não somente algo que seja comestível, a gente esta falando de alimento, nós precisamos de

alimentos, nós precisamos assegurar a segurança alimentar e nutricional das famílias, em especial dos agricultores que produzem, que traz isso para nossa mesa, e que eu sempre digo que eu sou suspeita porque eu acho que é uma categoria importantíssima nas nossas vidas e nas vidas das nossas famílias, enfim. Então ficou bem legal, vocês conseguem ver, tem vários *podcasts*, então nesse repositório vocês conseguem ver e convidá-los para participar do curso conosco.

[Slide 18 – 41:25] Esse curso está em aberto, ele vai até o final de dezembro [2021], porém ele vai ser renovado e em fevereiro nós iremos estar colocando mais dois cursos, […] mas de início nós estamos com cursos de sustentabilidade e de circuitos curtos. Então é um pouco disso, obrigada pela oportunidade, desculpe pelo tempo, […] muito obrigada oportunidade, obrigado em nome do nosso Coordenador Geral Ronaldo Ferraz, do nosso coordenador técnico, que conduziu muito bem essa equipe, parabéns a equipe toda, aqui no caso do Brasil nós somos três pessoas que tem a relação direta com o projeto, na Colômbia tem uma equipe bem maior, mas assim, conseguimos trabalhar muito bem, apesar da distância, muito bem sintonizados, e assim bem satisfeito que a gente conseguiu realmente trazer bons frutos.

Vídeo da apresentação



Legenda: Palestra intitulada "Os Circuitos Curtos de Comercialização são modelos de comercialização em contextos justos e sustentáveis", proferida pela palestrante Rossandra Farias de Andrade (FAO Proyecto Sembrando Capacidades), realizada no VIII e-CoDAF (2021). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eP128trPXGc.